IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

VIDAS DE PROFESSORAS NAS ESCOLAS PERIFÉRICAS DA CAMPANHA GAÚCHA: BORDAS (IN)VISÍVEIS DA DOCÊNCIA[1]

Eixo Temático 07 – CORPOS EM CRIAÇÕES POSSÍVEIS: EXPRESSÕES FILOSÓFICAS, POLÍTICAS E ESTÉTICAS

Dulce Mari da Silva Voss[2]
Ana Lúcia Domingues dos Santos[3]
Celina da Rosa Santos Neta[4]
Fernanda de Oliveira Freitas[5]
Daniela Delfim Cruz[6]

RESUMO

O trabalho aborda a produção das vidas de professoras nas escolas periféricas da cidade de Bagé (RS). Nele, analisamos as bordas, por vezes visíveis, por outras invisíveis, das vidas de professoras, entendidas como as contingências locais e globais de territorialização das docências. Argumentamos que o capital cultural de reprodução do colonialismo e do patriarcado e as demandas das políticas educacionais em curso de regulação da docência incidem sobre as práticas cotidianas das professoras. Nas contingências híbridas de produção das existências dos territórios das escolas periféricas, vidas de professoras são agenciadas pela performatividade neoliberal que captura condutas e as responsabiliza pelo êxito ou fracasso dos resultados ditados de fora a quem sobrevive à margem.

Palavras-chave: Colonialismo, docência, patriarcado, periferia, políticas educacionais.

---

[1] Este trabalho decorre do projeto de pesquisa "Vidas de Professoras nas Escolas Periféricas da Campanha Gaúcha: bordas (in)visíveis da docência", desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Philos Sophias vinculado à Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé (RS).

[2] Doutora em Educação com Estágio Pós-Doutoral em Educação no PPGE/UEPG. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/Campus Bagé - RS), dulcevoss@unipampa.edu.br.

[3] Mestranda em Ensino no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), Mestrado Acadêmico, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/Campus Bagé - RS), analuciadossantos@gmail.com.

[4] Mestranda em Ensino no Programa de Pós-Graduação em Ensino(PPGE), Mestrado Acadêmico, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/Campus Bagé - RS), celinaneta.aluno@unipampa.edu.br.

[5] Mestranda em Ensino no Programa de Pós-Graduação em Ensino(PPGE), Mestrado Acadêmico, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/Campus Bagé - RS), fernandadof2@unipampa.edu.br.

[6] Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/Campus Jaguarão - RS), delfimdaniela@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A Campanha Gaúcha é o território existencial do GP Philos Sophias e daqui lançamo-nos ao encontro com outros/as/es viventes ao constituir o GT 7 - Corpos em Criações Possíveis: expressões filosóficas, políticas e estéticas no IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. Mulheres, pesquisadoras, brancas e pretas, jovens e não tão jovens, latino-americanas, sulinas, habitantes da região fronteiriça da Campanha Gaúcha, que inventam outras maneiras de existir e de seguir fazendo nossas coisas na desordem caótica do mundo que ora habitamos.

Foi assim que surgiu o Projeto de Pesquisa "Vidas de Professoras nas Escolas Periféricas da Campanha Gaúcha: bordas (in)visíveis da docência" (UNIPAMPA, 2025). Nele nos dispomos a transitar pelas bordas, por vezes visíveis, por outras invisíveis, das vidas de professoras, nossas vidas, atravessadas pelas contingências locais e globais que traçam margens. Buscamos colocar em questão a geografia do território que circunstancia e forja vidas das professoras no cotidiano das escolas periféricas de Bagé. Levamos em conta que o capital cultural de reprodução do colonialismo e patriarcado da região da Campanha se configura em um jogo entre demandas, como as que provêm das políticas educacionais globais de regulação da docência, posta às margens, e que são essas contingências que territorializam as vidas de professoras neste lugar. Mas, é ali mesmo, pelas bordas deste misto (in)visível, que desterritorializações podem acontecer, um possível da criação de docências outras.

TRAÇANDO O MAPA

O plano de trabalho se alinha às Filosofias da Diferença, tendo a cartografia como método de pesquisa. Projetamos o traçado de um mapa que é ação-intervenção de territorializações e desterritorializações de "paisagens povoadas por personagens", já que "O território é antes de tudo lugar de passagem" (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 134).

Para isso, montamos uma caixa de ferramentas conceituais, a partir dos estudos que fizemos de Pesavento (2002; 2004); Bourdieu (1998); Hartmann (2010), o que permite-nos demarcar os traços do lugar, tempos, personagens, do capital simbólico e das relações de gênero que prevalecem no "Sul profundo" e que são decorrentes do poder colonialista e patriarcal.

A partir do conceito de regime colonial-capitalístico de Rolnik (2018) que remete a expropriação das forças vitais, do desejo; assim como, através das teorias de Foucault (2008; 2013) e dos estudos de Brown (2019) vemos que as condutas docentes não escapam da governamentalidade neoliberal que convoca e responsabiliza professoras para o enfrentamento das contingências de precarização do seu trabalho.

VIDAS PELAS BORDAS

No contemporâneo, a região da Campanha conserva forte ligação com as heranças históricas e simbólicas da ocupação colonial, especialmente em seus elementos arquitetônicos, atividades econômicas, práticas sociais e tradições que mesclam fronteiras visíveis e invisíveis. Como escreve Pesavento (2004) acerca da cultura do Rio Grande do Sul, o "Sul profundo" da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, marcado pelas sensibilidades do ufanismo e do ressentimento, como dois vetores ambivalentes da mesma identidade regional de coesão e sensação de pertencimento, dotada de positividade exacerbada e de atitude de exclusão diante da diferença, de tudo que "vem de fora".

A bravura e o heroísmo são traços marcantes dessa identidade regional herdada do colonialismo, coronealismo, militarismo e patriarcado no RS e, particularmente, nas zonas de fronteira, como na cidade de Bagé, onde há forte presença do exército, nos quartéis imponentes de artilharia e cavalaria, as forças militares, os valores aristocráticos, tradicionais e patriarcais são dominantes na cultura e no imaginário social no contexto local. Herança que constitui o capital cultural (Bourdieu, 1998) da vida social e política, púbica e privada, no cenário da Campanha.

O personagem homem branco, dono de terras e de gado, valente e viril é a referência de valor que termina por naturalizar violências de profunda perversidade contra mulheres, pobres, negros/as, indígenas, pessoas LGBTQIA+. Acerca das relações de gênero nas estâncias da fronteira, Hartmann (2010, p. 91) destaca: "no topo da hierarquia estão prioritariamente os homens. As únicas mulheres com autoridade para ultrapassar a 'dominação masculina', e não apenas contrapô-la com 'poderes secundários ou intersticiais', são as proprietárias de estância".

Nestes tempos e espaços periféricos, a vida comunitária híbrida e mestiça, também acontece nas escolas públicas, nas precárias unidades de saúde, nos bolichos (pequenas casas

de comércio com variada oferta de mercadorias, na maioria das vezes, localizados na beira das estradas vicinais), nas igrejas de diversas credos, principalmente evangélicas, nos terreiros de umbanda, candomblé, batuque e quimbanda, nos campos de futebol, nos Piquetes Tradicionais Gaúchos (PTG), uma versão popularizada dos Centros de Tradição Gaúcha (CTG), onde predominam famílias tradicionais e as elites, mas em ambos, prevalece o poder e valor simbólico atribuído ao personagem "gaúcho", homem branco, valente e viril, cujo ápice de reconhecimento ocorre nas festividades e desfiles comemorativos da Semana Farroupilha.

Mas, a vida das professoras que atuam nas escolas periféricas desta cidade fortemente marcada pelo capital cultural da Campanha também se constitui em outras redes políticas que sobrepõem mais camadas de poder. Haja visto que o trabalho docente vem sendo, crescentemente, dimensionado segundo uma racionalidade assentada na performatividade, no (auto)gerencialismo e na ausência do sentido de profissionalismo na acepção estrita do termo, transformando-se em uma ocupação flexível, que se caracteriza por habilidades de cunho, eminentemente, instrumental, possíveis de serem aferidas por sistemas de avaliação dos desempenhos mensurados por índices de qualidade com base em exames nacionais padronizados (Voss, 2021).

Essa racionalidade tem sido veiculada em vários espaços (mídia, políticas, universidades, literatura, estudos, instituições educacionais, documentos internacionais e nacionais, etc.), como se fossem naturais, modernas e qualificadoras da formação e das docências. Não é raro, quando se trata de formação docente, lermos ou ouvirmos sobre a necessidade de produzir profissionais empreendedores, inovadores, ativos, abertos às novidades e que saibam utilizar as tecnologias digitais. Tecnologias de governo, como dito por Foucault (2008; 2013), que instauram formas de regulação da conduta docente de modo que objetivos administrativos e de gestão, relacionados a projetos de estado e de governos, sejam alcançados a curto, médio e/ou longo prazos. Efeitos nefastos dessa rede de poderes que captura as vidas de professoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a configuração de relações coloniais, patriarcais e excludentes se mostram visíveis nas bordas dos centros urbanos, nos tempos e espaços das culturas híbridas e

mestiças das populações que habitam os bairros periféricos. As bordas existem e servem, justamente, para mostrar os diferentes níveis e nuances em que funciona o sistema de expropriação das forças vitais e a captura do desejo.

Mas, também pensamos que as heranças colonialistas e patriarcais passam por atualizações no engendramento de outras camadas que modificam o território regional da Campanha Gaúcha. Não é por acaso que as indústrias e lojas, os artefatos de comunicação e informação de massa, as emissoras de tv, a telefonia celular e internet, estão presentes nas pequenas casas amontoadas em pequenos lotes que povoam as ruas de chão batido dos bairros periféricos de Bagé, ainda que falte a água, o esgoto tratado, o alimento, nos dias de inverno e verão rigorosos.

Ali também estão as escolas periféricas, territórios constituídos pelos ambientes em que são visíveis as condições indignas de trabalho, e onde as professoras parecem abandonadas à própria sorte, pois, sob constante pressão e controle externo, são chamadas a investir suas próprias forças na melhoria dos resultados. Elas que lutem para sobreviver à margem.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação.** Petrópolis: Vozes, 1998.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo:** a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. 1ª ed. São Paulo, Martins Fortes, 2008.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro, Graal, 2013.

HARTMANN, L. Do campo à "Campanha": gênero, performance e narrativas orais na fronteira entre o Brasil e o Uruguai. **Estudos Feministas**, v. 18, n. 1, jan./abr. 2010, p. 81-100. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/s3mmbrwvD3kQDC398QCXMJp/abstract/?lang=pt. Acesso em 17 abr. 2025.

PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliane (orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa- intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, Sulina, 2015.

PESAVENTO, Sandra. Além das fronteiras. In: MARTINS, M. H. **Fronteiras Culturais:** Brasil, Uruguai, Argentina. Porto Alegre: Ateliê Editoria, 2002, p. 35-40.

PESAVENTO, Sandra. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. **Memória e (res)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 223-238.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

VOSS, Dulce Mari da Silva. Espelhos Quebrados: imagem de uma docência auto empreendedora. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, p. 1091-1105, 2021. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/bf52/454bf9e24549d95e9e4d566304661bccffd0.pdf. Acesso em 17 abr. 2025.

UNIPAMPA, Projeto de Pesquisa "Vidas de Professoras nas Escolas Periféricas da Campanha Gaúcha: bordas (in)visíveis da docência", Universidade Federal do Pampa, Bagé (RS), 2025.